

tou, depois de casada, o Pessôa. Na vida corrente, segundo o uso português, chamavam-na dona (abreviado para D.) Maria Madalena. No batismo a criança recebeu o nome Fernando António Nogueira Pessôa, com acento circunflexo. Só em 4 de setembro de 1916, com a idade de vinte e oito anos, anunciou ao amigo Côrtes-Rodrigues: "Vou fazer uma grande alteração na minha vida: vou tirar o acento circunflexo do meu apelido." Seu segundo nome de batismo deve-se a ter nascido em 13 de junho, dia de Santo Antônio, padroeiro da cidade de Lisboa, dia que todos os anos se festeja com celebrações populares: marchas, cantigas, danças, sardinhas assadas nas ruas e nas praças, como acontece no velho bairro de Alfama.

Para o especialista em astrologia que virá a ser (chegará a querer fazer disso profissão), e para o estudioso fanático de numerologia que pretenderá ser, o ter nascido em 13 de junho de 1888, às 15 horas e 20 minutos, sob o signo de Gêmeos, tudo isso tem sentido. Durante a vida toda fez centenas ou milhares de horóscopos — de parentes, de amigos, dos heterônimos, de personalidades históricas (Napoleão, Victor Hugo, Shakespeare, D. Sebastião, Chopin), por vezes até de entidades como "Portugal" ou "a República". É evidente que se interrogou muitas vezes sobre seu próprio destino. Como, por uma diferença de minutos, não tinha certeza da hora em que nascera, fez várias séries de cálculos, supondo por exemplo que tinha nascido dez minutos antes ou depois do que lhe tinham dito. Um especialista português, Paulo Cardoso, refazendo tais cálculos, chegou à conclusão de que, seguindo o raciocínio de Pessoa, e desde que se parta do princípio de que nasceu às 15:22 e não às 15:20, se deveria logicamente fixar a data da morte em 30 de novembro de 1935, ou seja, no dia em que efetivamente ocorreu.

Quando se dá o nascimento, o lar dos Pessoas, no Largo de S. Carlos, alberga, além do pai, a mãe, duas criadas e outra pessoa, original e incômoda: a avó paterna, viúva do general Joaquim de Araújo Pessôa, antigo combatente do campo liberal na guerra civil do início do século XIX, entre os miguelistas, partidários da monarquia absoluta, e os inimigos do rei D. Miguel. D. Dionísia de Seabra Pessôa, por sua presença e por seu exemplo, desempenha importante papel na infância do poeta. É a fada má inclinada sobre o berço, ao lado da boa. É várias vezes internada num asilo de loucos. Fora das crises, tem com a crian-

ça comportamento mais ou menos normal, mas em demência se mostra muito agressiva com o neto, a quem por certo não reconhece.

Há muitas fotografias da avó Dionísia, todas tiradas quando já era velha. Tem rosto e expressão estranhos. Viverá até 1907, e Fernando, já adolescente, ao regressar de Durban, vai morar de novo no mesmo apartamento com ela. Essa figura louca, que sem dúvida o assustara em muito pequeno, obcecou-o e inquietou mais tarde: via nela uma espécie de prova de sua própria alienação mental, pelo menos a ameaça sempre pendente de uma tara hereditária, como um mau-olhado, um desafio do destino. Já adulto, vai praticar a introspecção e tentará fazer-se analisar por psiquiatras, para saber se também se encontra ameaçado ou já atingido pela doença mental. Toda uma parte de sua obra, em verso e em prosa, é meditação sobre a trágica grandeza da loucura.

Apesar da avó, os quatro anos e meio que decorrem entre seu nascimento e a doença do pai são período de pura felicidade. É essa pelo menos a recordação que dele vai guardar. Encontraremos por toda a sua obra as imagens fugidias desse passado irremediavelmente perdido: o tempo "em que festejavam o dia dos meus anos" e "ninguém estava morto",<sup>1</sup> tempo em que o rapazinho via a mãe tocar piano com "essas mãos [...] cuja carícia nunca mais me afagará"<sup>2</sup> e a velha tia D. Maria "costumava adormecer-me cantando-me [...] a 'Nau Catrineta' [...], a 'Bela Infanta'..."<sup>3</sup> Talvez, de fato, na evocação da infância ele misture as lembranças dos primeiros anos, no Largo de S. Carlos, com as das estadas em casa das tias, muito depois, em Pedrouços, a oeste de Lisboa. E sobretudo, como ele mesmo supõe, sua memória afetiva transfigura essa infância perdida. Em carta a "um poeta" (o brasileiro Ronald de Carvalho), datada de 1914, depois de evocar com emoção os primeiros tempos da infância, corrige: "Escrevo e divago, e tudo isto parece-me que foi uma realidade. Tenho a sensibilidade tão à flor da imaginação que quase choro com isto, e sou outra vez a criança feliz que nunca fui..."<sup>4</sup> Isso é cem por cento Pessoa, os jogos da imaginação e da memória. Quase no fim da vida irá resumi-los em curto poema:

<sup>1</sup>Campos, 279.

<sup>2</sup>OPP, I, 421.

<sup>3</sup>Campos, 120.

<sup>4</sup>OPP, II, 199.